

Uma experiência de observação em contexto de interações na Missão Arqueológica Franco-Brasileira no Piauí: reflexões linguísticas e interculturais para o ensino de língua francesa /

Une expérience d'observation dans le contexte d'interactions au sein de la Mission Archéologique Franco-Brésilienne au Piauí : réflexions linguistiques et interculturelles pour l'enseignement de la langue française

Maria Iara Zilda Návea da Silva Mourão *

Professora substituta na Coordenação de Letras Estrangeiras (CLE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda da Universidade de São Paulo (USP). Possui mestrado Letras - Literatura (UFPI). Atua na área de ensino de francês para objetivos específicos e ensino de línguas e tecnologias.



<https://orcid.org/0000-0003-2649-3678>

Recebido em 29 set. 2024. Aprovado em: 24 nov. 2024.

Como citar este artigo:

MOURÃO, Maria Iara Zilda Návea da Silva. Uma experiência de observação em contexto de interações na Missão Arqueológica Franco-Brasileira no Piauí: reflexões linguísticas e interculturais para o ensino de língua francesa. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 5, e3723, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14563691>

RESUMO

No contexto da internacionalização das universidades brasileiras, o ensino de línguas adicionais assume papel central, especialmente para áreas que demandam comunicação em ambientes acadêmicos compostos por pessoas de culturas diferentes. No curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), as necessidades linguístico-discursivas e socioculturais dos estudantes que participam da Missão Arqueológica Franco-Brasileira (MAFB) têm ganhado destaque no processo de internacionalização. Neste artigo, apresentamos uma pesquisa sobre o aprendizado do francês para a integração de estudantes em atividades coordenadas por arqueólogos francófonos, ressaltando a necessidade de ações mais concretas para a criação de políticas linguísticas institucionais que ofereçam maior suporte à atuação dos estudantes nesse contexto. O referencial teórico da pesquisa apoia-se nos conceitos de "Internacionalização abrangente" (Hudzik, 2011, 2015), "Internacionalização em casa" (Beelen; Jones, 2015) e Francês para Objetivo Específico e Universitário (Mangiante; Parpette, 2004, 2011) demonstrando como essas abordagens podem ser aplicadas à realidade da UFPI. Com

*

mariaiaramourao@gmail.com

objetivo exploratório, a metodologia adotada foi a observação não participante do trabalho arqueológico da MAFB no ano de 2019. Como um dos resultados obtidos, a pesquisa explicita a necessidade de um planejamento linguístico estratégico integrando formação linguística, discursiva e intercultural e coleta de dados no campo da Arqueologia para que seja possível, do ponto de vista institucional, a oferta de cursos específicos de francês para esses estudantes como meios essenciais para prepará-los para as interações, contribuindo para sua formação acadêmica, profissional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Francês para Objetivos Universitários; Internacionalização; Políticas Linguísticas; Planejamento Linguístico; Interculturalidade.

RÉSUMÉ

Dans le contexte de l'internationalisation des universités brésiliennes, l'enseignement de langues supplémentaires joue un rôle central, en particulier dans les domaines qui exigent une communication dans des environnements académiques constitués de personnes de cultures différentes. Dans le cours d'Archéologie de l'Université Fédérale du Piauí (UFPI), les besoins linguistiques, discursifs et socioculturels des étudiants participant à la Mission Archéologique Franco-Brésilienne (MAFB) ont pris une importance particulière dans le processus d'internationalisation. Dans cet article, nous présentons une recherche sur l'apprentissage du français pour l'intégration des étudiants dans des activités coordonnées par des archéologues francophones, en soulignant la nécessité d'actions plus concrètes pour la création de politiques linguistiques institutionnelles offrant un soutien plus important aux étudiants dans ce contexte. Le cadre théorique de la recherche s'appuie sur les concepts d'« internationalisation intégrale » (Hudzik, 2011, 2015), « internationalisation à domicile » (Beelen; Jones, 2015) et Français sur Objectif Spécifique et Universitaire (Mangiante, Parpette, 2004, 2011), démontrant comment ces approches peuvent être appliquées à la réalité de l'UFPI. Avec un objectif exploratoire, la méthodologie adoptée a été l'observation non participante du travail archéologique de la MAFB en 2019. Parmi les résultats obtenus, la recherche met en évidence la nécessité d'une planification linguistique stratégique intégrant la formation linguistique, discursive et interculturelle, ainsi que la collecte de données dans le domaine de l'Archéologie, afin que, du point de vue institutionnel, des cours spécifiques de français puissent être proposés à ces étudiants comme moyens essentiels pour les préparer aux interactions, contribuant ainsi à leur formation académique, professionnelle et internationale.

MOTS-CLÉS : Français sur Objectif Universitaire; Internationalisation; Politiques Linguistiques; Planification Linguistique; Interculturalité.

1 Introdução

Nos últimos anos, o processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil tem se desenvolvido em diferentes dimensões e sua expansão se dá por meio de ações que trazem reflexos das concepções de internacionalização, notadamente, no que se refere aos conceitos de “Internacionalização abrangente” (Hudzik, 2011) e “Internacionalização em casa” (Beelen, Jones, 2015).

Nesse contexto, cada vez mais observamos incentivo a pesquisas nessa área para promover a divulgação ampla das problemáticas e conhecimentos que decorrem dessas investigações e, além disso, o aumento da colaboração a nível internacional a fim de fomentar o diálogo entre pesquisadores de diferentes partes do mundo.

Um dos aspectos centrais desse processo se refere às ações que promovem competências em línguas adicionais que impactam a comunidade acadêmica – discentes, docentes, funcionários e dirigentes - em uma dimensão individual, mas também coletiva, na medida em que há uma preocupação a nível institucional para promover o aumento dos acordos entre IES, a criação ou a ampliação de redes de contatos e o incentivo à mobilidade acadêmica que se manifesta em ações concretas de preparação da comunidade para sua internacionalização.

No Brasil, o impacto das questões linguísticas, discursivas e socioculturais no processo de internacionalização das IES foi enfatizado a partir da segunda metade dos anos 2000 com iniciativas governamentais, como o programa "Ciências sem Fronteiras" (CsF) dando lugar a outras iniciativas como o Programa "Inglês sem Fronteiras" (IsF) e, mais tarde, a partir de 2014, o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF).

Com base na constatação de que a oferta inicial de cursos de língua inglesa era insuficiente para atender às necessidades dos intercambistas brasileiros (Chardenet, 2016), e que a internacionalização ocorria em outros idiomas além do inglês, a estruturação do Programa Idiomas sem Fronteiras passou a abarcar 7 (sete) idiomas – Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Japonês e Português como Língua Estrangeira. Essa transformação permitiu que as IES públicas brasileiras se mobilizassem para compreender que as ações de políticas linguísticas e de internacionalização deveriam incorporar uma perspectiva plurilíngue e pluricultural.

Atualmente, a internacionalização do ensino superior brasileiro vai além do foco mais imediato de incentivo à mobilidade acadêmica passando a desenvolver propostas de internacionalização mais amplas, como a “Internacionalização abrangente” (Hudzik, 2011) e “Internacionalização em casa” (Bellen, Jones, 2015), e a dar visibilidade a outras iniciativas como a realização de atividades para a recepção de estudantes e pesquisadores estrangeiros e a inclusão de bibliografia em língua estrangeiras nas diferentes disciplinas.

No contexto atual de fácil acesso a outras culturas, essas diretrizes recentes sobre internacionalização privilegiam, entre outros aspectos, uma dimensão intercultural como necessária para que esse processo seja mais inclusivo e democrático, beneficiando a comunidade acadêmica de forma integral, não apenas aqueles que têm recursos financeiros suficientes para arcar com os custos de uma viagem para o exterior. Nesse cenário, competências em línguas adicionais desempenham

um papel central, facilitando a implementação de práticas interculturais nas diferentes IES. Portanto, políticas linguísticas são essenciais para garantir a capacitação linguística da comunidade acadêmica.

Na Universidade Federal do Piauí (UFPI), a preocupação com a internacionalização e com a reflexão sobre interculturalidade e políticas linguísticas constituintes a esse processo é perceptível em documentos institucionais, como o Plano de Desenvolvimento Institucional do quadriênio 2020 -2024 (Universidade Federal do Piauí, 2020) e a resolução nº 082/2018 sobre a Política Linguística da instituição (Universidade Federal do Piauí, 2018). Entre as propostas desses documentos, se destacam questões como: fomento ao ensino de línguas estrangeiras para estudantes, professores e funcionários; inclusão de cursos e disciplinas em língua estrangeira; tradução da escrita acadêmica e sites institucionais para outros idiomas; criação de cursos de extensões sobre culturas estrangeiras; promoção de eventos acadêmicos internacionais; sensibilização da comunidade acadêmica para internacionalização (UFPI, 2018, 2020).

Tendo em vista esse contexto de abertura reflexiva para a dimensão linguística característica do processo de internacionalização universitária, neste artigo, apresentamos uma pesquisa sobre a importância do aprendizado do francês para a integração de estudantes de arqueologia dessa instituição em atividades coordenadas por arqueólogos francófonos no âmbito da Missão Arqueológica Franco-Brasileira no Piauí, ressaltando a necessidade de ações mais concretas para a criação de políticas linguísticas institucionais que ofereçam maior suporte à atuação dos estudantes nesse contexto. Acreditamos que esse é um caso representativo de aprendizado intercultural desencadeado pelo cenário de internacionalização das IES brasileiras que suscita a reflexão sobre urgência de capacitação linguística em outros idiomas para a comunidade acadêmica, a fim de que todos os seus integrantes possam participar de modo mais efetivo no cenário acadêmico internacional.

2 Internacionalização, Interculturalidade e ensino da língua francesa para estudantes de Arqueologia

Como já dissemos anteriormente, tanto no campo do ensino e da pesquisa quanto no campo das políticas linguísticas de uma IES, a questão da internacionalização vem se expandindo no cenário brasileiro do ensino superior. Conceituar esse fenômeno e, principalmente, problematizar o que vem

a ser a internacionalização das universidades em termos das ações implementadas mostram-se ações bastante complexas.

Segundo Prolo *et al* (2019, p. 3), a definição mais difundida desse fenômeno foi proposta por Jane Knight (2004). Para essa autora, a internacionalização é “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (Knight, 2004, p. 1, tradução nossa¹). Essa definição deixa explícito o caráter processual e operacional desse conceito: “um aspecto central na compreensão de internacionalização é vê-la como uma ‘ização’, que é um processo de mudança, e não como um ‘ismo’ ou uma ideologia” (Knight, 2020, p. 23). Nesse sentido, a internacionalização não é um princípio filosófico único capaz de orientar o ensino superior, mas o modo como os diferentes atores envolvidos na educação universitária (governos, instituições de ensino e pesquisa, docentes e discentes etc.) trabalham em interação, colaboração e conexão com diferentes países, culturas e regiões do mundo.

Considerando a diversidade desses contextos e atores, a internacionalização se desenvolve de diferentes formas e por diversas razões, mesmo que, em um primeiro momento, seja comum associá-la apenas a programas de mobilidade de discentes para países estrangeiros.

Knight (2020) acrescenta ainda que esse processo inclui uma dimensão intercultural, pois envolve a interação com a diversidade cultural presente em países, comunidades, instituições e todos os aspectos que envolvem a inserção em um contexto universitário diverso daquele de origem do discente ou docente.

Nessa perspectiva, os pesquisadores Hudzik (2011) e Bellen e Jones (2015) se referem, respectivamente, aos conceitos de “Internacionalização abrangente” e “Internacionalização em casa”. Para Hudzik (2011, p. 7), a “Internacionalização abrangente” é uma tentativa de responder à complexidade e à variedade de dimensões relacionadas a esse processo que, além de se constituir como uma “exigência institucional” relacionada ao mundo cada vez mais globalizado em que vivemos, se trata de,

um compromisso, confirmado por meio de ações, de incorporar perspectivas internacionais e comparativas em toda a missão de ensino, pesquisa e serviços da educação superior. Ela molda o *ethos* e os valores institucionais e permeia toda a

¹ “the process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions or delivery of post-secondary education” (Knight, 2004, p. 11).

estrutura da educação superior. É essencial que seja adotada pela liderança institucional, governança, corpo docente, estudantes e todas as unidades de serviços e apoio acadêmico. (Hudzik, 2011, p. 6, tradução nossa².)

Para Beellen e Jones (2015, p. 69, tradução nossa³), a “Internacionalização em casa”, é um processo de “[...] integração intencional de dimensões internacionais e interculturais ao currículo formal e informal para todos os estudantes em ambientes próprios de aprendizagem”. Como indicadores desse modelo, podem ser considerados: a presença de autores estrangeiros nas bibliografias dos cursos; infraestrutura para acesso a conteúdo internacional, nos laboratórios de informática; o uso de recursos tecnológicos e metodologias ativas; a disponibilidade de formações e atualizações para os docentes que incluem perspectivas internacionais e globais; a participação em redes de ensino colaborativo e em redes de pesquisa internacionais (British Council, 2020, p. 25), entre outras ações.

Em diálogo com as pesquisas sobre internacionalização citadas anteriormente, pesquisadores brasileiros do grupo de pesquisa em Políticas Linguísticas no Ensino Superior (GPLIES)⁴ também propõe uma definição para esse processo focalizando o contexto do Brasil:

A Internacionalização na Educação Superior é um movimento articulado pelas comunidades acadêmicas e não-acadêmicas que busca promover o compartilhamento de ideias, de culturas, de práticas inovadoras e de responsabilidades sociais, que se manifestam de forma transversal nos diferentes setores de ensino, pesquisa, extensão e gestão das instituições de ensino. Este movimento envolve a solidariedade e a colaboração entre os parceiros nacionais e internacionais de forma a permitir um posicionamento decolonial e crítico, repositionando as demandas locais diante da necessidade de inserção em um contexto internacional (GPLIES *apud* Gomes, Santos, 2023, p. 23).

² “Comprehensive internationalization is a commitment, confirmed through action, to infuse international and comparative perspectives throughout the teaching, research, and service missions of higher education. It shapes institutional ethos and values and touches the entire higher education enterprise. It is essential that it be embraced by institutional leadership, governance, faculty, students, and all academic service and support units.” (Hudzik, 2011, p. 6).

³ “the purposeful integration of international and intercultural dimensions into the formal and informal curriculum for all students within domestic learning environments” (Beellen, Jones, 2015, p. 69).

⁴ O GPLIES (Grupo de Pesquisa sobre Políticas Linguísticas e de Internacionalização da Educação Superior) é um grupo interinstitucional criado em 2020, formado por integrantes da Rede Idiomas sem Fronteiras (IsF). O grupo foca em três linhas de pesquisa: 1) Ensino e Aprendizagem de Línguas para a Internacionalização, 2) Políticas e Práticas de Internacionalização, e 3) Políticas e Práticas Linguísticas para a Internacionalização, com o objetivo de aprofundar estudos nessas áreas (Gomes, Santos, 2023).

Essa definição é interessante porque evidencia a necessidade de articulação, organização e intencionalidade no processo de internacionalização se seu objetivo for promover a construção conjunta de conhecimentos e saberes nos diferentes âmbitos acadêmicos. Partindo de uma perspectiva decolonial, a proposta do GPLIES reforça a necessidade de integrar as especificidades locais ao contexto internacional, estabelecendo uma relação dialética entre o global e o local.

Essas perspectivas abrem espaço para práticas linguísticas e interculturais diversas que incluem as particularidades de cada instituição, os diferentes atores envolvidos no contexto do ensino superior, em uma interação plurilíngue e pluricultural, o que nos leva a compreender a interculturalidade como uma competência que permite o diálogo com outras culturas evitando a hierarquização e a polarização do saber. Nesse sentido, é importante entender como a educação se relaciona com a Interculturalidade.

O intercultural, como define Abdallah-Preitcelle (1992, p. 36-37), é "uma construção suscetível de favorecer a compreensão dos problemas sociais e educativos, em relação com a diversidade cultural"⁵. Ao contrário do multiculturalismo, que admite a diversidade dos grupos e busca preservar a coesão social, a interculturalidade tem um foco educativo mais evidente. Nesse contexto, ela surge como uma estratégia prática diante do multiculturalismo que permeia as sociedades contemporâneas (De Carlo, 1998, p. 40).

De acordo com De Carlo (1998), o ponto inicial para abordar a interculturalidade em contextos educativos é a identidade do aluno, que, ao explorar sua própria cultura materna, passa a entender os mecanismos de pertencimento a outras culturas. Assim, a educação intercultural promove o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação às próprias convicções, auxiliando os estudantes a enfrentar a ambiguidade presente em situações e conceitos associados a culturas diferentes.

Esse enfoque está estreitamente ligado ao ensino de línguas, pois o aprendizado contextualizado de uma língua estrangeira prepara os alunos para estruturar seu discurso de maneira

⁵ "construction susceptible de favoriser la compréhension des problèmes sociaux et éducatifs, en liaison avec la diversité culturelle" (Abdallah-Preitcelle, 1992, p. 36-37).

coerente e interagir com estrangeiros, além de evitar estereótipos em suas interações interculturais (De Carlo, 1998).

A internacionalização no ensino superior requer uma abordagem intercultural, especialmente em um cenário de crescente mobilidade acadêmica e avanços tecnológicos que promovem o contato entre pessoas de diversas origens nas universidades. A integração da educação intercultural ao ensino de línguas é fundamental para preparar os alunos para interações globais. Nesse contexto, o ensino de línguas adicionais deve ser um eixo central nas políticas de internacionalização de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Portanto, neste trabalho, trata-se do ensino da língua francesa para a realização de interações no âmbito da Missão Arqueológica Franco-brasileira (MAFP) no Piauí.

Os estudos e pesquisas relacionados ao ensino e aprendizagem da língua francesa em contextos específicos possuem uma trajetória consolidada. Contribuições importantes foram realizadas por autores como Jean-Marc Mangiante e Chantal Parpette (2004, 2011) e Carras, Tolas, Kohler e Szilagyi (2007). No Brasil, pesquisas recentes têm ganhado destaque, enfatizando o ensino do francês voltado para estudantes universitários brasileiros e suas especificidades, como os trabalhos de Albuquerque-Costa (2015, 2019, 2022).

Os especialistas partem da explicitação de princípios metodológicos (*démarche méthodologique*) relacionados à compreensão de que, nas situações de comunicação profissionais ou universitárias nas quais os diferentes sujeitos/atores sociais estão em interação, há necessidades linguístico-discursivas e interculturais que devem ser identificadas e analisadas.

Assim, diferente de um ensino e aprendizagem da língua voltado a uma abordagem mais generalista denominado de ensino geral da língua, em francês, “*Français Général* (FG)⁶, no qual são trabalhadas competências orais e escritas para situações comuns do cotidiano, o ensino de Francês para Objetivo Específico (FOS) e Universitário (FOU) têm como foco o desenvolvimento de competências linguístico-discursivas e interculturais para cada contexto em particular e situações de

⁶ *Français Général*, em português Francês Geral, se refere ao uso comum da língua francesa, geralmente ensinado em cursos de FLE (Francês como Língua Estrangeira), voltado para um público amplo e sem foco em áreas específicas. Essa ideia surgiu como contraponto ao francês voltado para objetivos específicos, com ambos os conceitos se complementando. O principal propósito do francês geral é o ensino da língua em um sentido mais amplo, com conteúdos que tratam de temas do cotidiano e buscam equilibrar a prática da comunicação oral e escrita, além de incluir o estudo da língua e aspectos culturais amplos (Cuq, 2003).

comunicação específicas, como é o caso das interações entre estudantes de arqueologia e os arqueólogos no Piauí que se comunicam no campo das pesquisas nesta área.

Para melhor definir como esta formação se desenvolveria e quais programas de ensino em Francês para Objetivo Universitário voltado para a Arqueologia poderiam ser elaborados, partimos de Mangiante e Parpette (2004) que propõem um procedimento metodológico dividido em cinco etapas: 1) identificação e análise de demandas, 2) análise de necessidades, 3) coleta de dados, 4) tratamento dos dados coletados e 5) elaboração do material didático e preparação das aulas.

Essas etapas permitem definir um programa de ensino adaptado às necessidades específicas do grupo, considerando as situações de comunicação em que estarão envolvidos. A coleta, análise e tratamento dos dados obtidos junto aos arqueólogos da MAFP são essenciais, pois os materiais orais e escritos da área, que serão didatizados para uso em sala de aula, não estão disponíveis no mercado. Trata-se, portanto, de uma concepção autoral de material didático para formações de francês para a Arqueologia.

Os autores destacam que o professor responsável pela elaboração de programa de ensino e de material didático deve ser flexível para atender às diversas demandas de cada instituição e área de conhecimento, levando em conta de maneira clara os objetivos e as competências linguístico-discursivas e interculturais que o programa deve abordar.

No Brasil, o FOU ganhou bastante espaço nas universidades a partir das ações desenvolvidas no Programa Idioma sem Fronteiras (IsF)⁷, permitindo a reflexão didática metodológica associada a princípios que regem a política linguística e de internacionalização das IES (Pereira, Souza, 2024; Albuquerque-Costa, Zanini, Parise, 2023).

Partindo dessas colocações, na seção seguinte, apresentamos os resultados da fase de observação e coleta de dados realizada junto a Missão Arqueológica Franco-Brasileira no Piauí nos sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara no ano de 2019. Como um de seus objetivos, a pesquisa buscou identificar as necessidades linguístico-discursivas e interculturais no campo da Arqueologia para que fosse possível, do ponto de vista institucional, refletir sobre a oferta

⁷ No site da Redes Andifes ISF, é possível encontrar informações atualizadas sobre a oferta de cursos que seguem a abordagem metodológica do FOU (Brasil, 2024).

de cursos específicos de francês - FOU Arqueologia - para os estudantes como meios essenciais para prepará-los para as interações locais.

3 Procedimentos metodológicos e análise dos dados coletados

Os estudantes de Arqueologia da UFPI anualmente têm a oportunidade de acompanhar os trabalhos da Missão Arqueológica Franco-Brasileira no Piauí⁸ (MAFB), na qual podem participar de escavações em sítios arqueológicos no próprio estado sob a coordenação de arqueólogos francófonos. Essa atividade não consta no currículo do curso, mas pode ser considerada um momento importante de trocas com estudantes e pesquisadores de outros estados brasileiros e do mundo. Ela ocorre no âmbito do Acordo Quadro de Cooperação Científica entre a Universidade Federal do Piauí e a *Université Paris X Nanterre*, que permite o recebimento de estudantes franceses e, futuramente, abrirá a oportunidade de estudantes da UFPI realizarem uma mobilidade acadêmica para a França, segundo o que está previsto no acordo de cooperação (Universidade Federal do Piauí, 2023).

Em 2019, enquanto ainda era estudante do curso de Letras Português-Francês e professora voluntária do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) da UFPI, tive a oportunidade de acompanhar os trabalhos da Missão Arqueológica Franco-Brasileira (MAFB) no Parque Nacional Serra da Capivara, no sul do Piauí, durante uma expedição liderada pelo então coordenador do IsF na UFPI, composta por estudantes de Letras, incluindo bolsistas e voluntários do programa. O objetivo da expedição era observar as condições em que a MAFB se desenvolvia e analisar as interações comunicativas entre os pesquisadores locais, visando planejar a oferta de cursos de francês e inglês para condutores, guias e guariteiros do parque.

⁸ A missão arqueológica franco-brasileira no Piauí tem suas origens na década de 1970, quando Niède Guidon começou a explorar e pesquisar a região do Parque Nacional da Serra da Capivara. Em 1978, com o apoio do governo francês, foi estabelecida a Missão Arqueológica Franco-Brasileira no Piauí. Essa iniciativa foi criada para investigar os numerosos sítios arqueológicos da região, que apresentam evidências de ocupação humana datando de mais de 30.000 anos atrás. A missão tem sido financiada pelo Ministério da Europa e dos Assuntos Estrangeiros da França e conta com a colaboração de várias universidades e instituições científicas francesas e brasileiras. Ao longo dos anos, essa parceria tem sido fundamental para importantes descobertas sobre os primeiros habitantes das Américas, consolidando a relevância internacional do Piauí no campo da arqueologia (Piauí, 2023).

Essa expedição relaciona-se também com a abordagem do FOS/FOU proposta por Mangiante e Parpette (2004, 2011) à medida em que serviu para que a equipe do IsF na UFPI realizasse uma análise de necessidades linguísticas dos estudantes de Arqueologia e coletasse material para a construção de cursos de francês para esse público.

Nesta oportunidade, foi possível, então, realizar uma pesquisa exploratória⁹, com o objetivo de observar as interações entre arqueólogos francófonos que organizavam o trabalho nos sítios e estudantes de Arqueologia nas atividades de escavação.

Para isso, os procedimentos adotados incluíram a observação direta dessas interações, que foram registradas detalhadamente em um diário de campo, definido como o principal instrumento de coleta de dados. Esses registros foram analisados e compuseram um conjunto de dados que subsidiaram as reflexões sobre as características dessa situação de interação e a importância da língua francesa como língua de comunicação e mediação nesse contexto.

Assim, a partir das observações realizadas, foi possível identificar alguns desafios enfrentados pelos estudantes de Arqueologia da UFPI durante as interações no contexto da Missão Arqueológica Franco-Brasileira.

Das observações feitas, os aspectos relevantes sobre as interações em língua estrangeira foram os seguintes:

- As interações entre os estudantes e os arqueólogos ocorreram predominantemente em português e francês, sendo que no idioma francês foram observadas dificuldades significativas. Prova disso foi que muitas vezes, os participantes da MAFB recorreram ao grupo do IsF que estava apenas acompanhando para mediar as interações.
- A escolha de palavras-chave foi uma das estratégias utilizadas para que a comunicação ocorresse, no caso do uso da língua francesa. Assim, os integrantes compartilhavam alguns vocabulários em comum como o nome de certos instrumentos e técnicas.
- A utilização de outro idioma comum entre os participantes da missão, como o inglês ou o espanhol, também ocorreu, pois permitiu uma comunicação imediata. No entanto,

⁹ Segundo Gil (1999, p. 56), O objetivo central da pesquisa exploratória é aprimorar, esclarecer e ajustar conceitos e ideias, com o intuito de formular problemas mais específicos ou hipóteses de pesquisa para um estudo mais aprofundado.

ocorreram limitações, pois a passagem de uma língua a outra se mostrou eficaz em seu uso, mas não no objetivo de manter uma interação mais duradoura diante da curiosidade e interesse que os estudantes tinham face ao grupo de arqueólogos nos sítios. Logo, observou-se que poucos estudantes da UFPI mantinham uma conversação mais aprofundada com os arqueólogos francófonos.

- As interações entre arqueólogos francófonos e estudantes de Arqueologia da UFPI apresentaram momentos de mal-entendido e tensão devido à falta de conhecimento prévio sobre diferenças culturais entre Brasil e França. Por exemplo, uma estudante necessitou de ajuda para adquirir um item de higiene pessoal com urgência em um campo de escavação liderado por francófonos e teve dificuldade em exprimir sua necessidade pois não sabia o nome exato em francês. A situação se resolveu, pois havia membros da equipe do IsF que falavam francês e português e fizeram a mediação.

No que se refere às limitações para o uso do idioma francês, isso se mostrou muito evidente. A ausência de conhecimento da língua francesa para a comunicação oral nesse contexto específico evidenciou a necessidade de uma formação linguística, discursiva e intercultural dos estudantes, o que reforçou a relevância de abordagens de ensino na área do FOU, neste caso, do FOU-Arqueologia.

A Missão Arqueológica Franco-Brasileira (MAFB) pode ser compreendida como um exemplo emblemático de “Internacionalização em Casa” (Bellen; Jones, 2015), conceito que se refere à integração de elementos internacionais no ambiente acadêmico sem que haja a necessidade de deslocamento físico dos estudantes para outros países. No contexto da MAFB, os sítios de escavação, localizados no próprio estado de residência dos estudantes e liderados por arqueólogos francófonos, tornam-se espaços internacionais, onde estudantes brasileiros têm a oportunidade de vivenciar práticas acadêmicas em um ambiente multicultural. Esse cenário se assemelha a um microcosmo internacional, proporcionando uma rica troca de saberes e experiências, ao mesmo tempo em que evidencia a importância da competência linguística, discursiva e intercultural em francês como ferramenta essencial para o sucesso da internacionalização acadêmica.

A língua francesa, nesse contexto, desempenha um papel central na comunicação e na integração dos estudantes, sendo o principal meio pelo qual as atividades acadêmicas e de pesquisa são conduzidas.

Além das dificuldades linguísticas, a pesquisa revelou um outro fator importante: a necessidade de maior atenção aos aspectos interculturais envolvidos. Conforme destacado por De Carlo (1998) em sua discussão sobre educação intercultural apresentada anteriormente, a convivência entre pessoas de culturas diferentes, como aquela que acontece na MAFB, depende não apenas da habilidade linguística, mas também da competência intercultural. A falta de preparo dos estudantes em relação a essas questões revela não só uma barreira de comunicação, mas também um obstáculo para a compreensão de certos métodos e técnicas da pesquisa arqueológica. Nesse sentido, foi possível observar que alguns estudantes da UFPI sentiram dificuldades em trabalhar com os pesquisadores francófonos. A ausência de domínio do francês e de sensibilização para as diferenças culturais deixa os estudantes mais vulneráveis e inseguros, o que pode limitar sua imersão no contexto internacional e a profundidade de suas experiências na missão.

Dessa forma, é imprescindível considerar a preparação dos estudantes no domínio do francês como uma língua adicional. Esse preparo não apenas facilitaria a comunicação durante as interações, mas também amplia o horizonte profissional dos estudantes, ao fornecer uma habilidade valiosa para o mercado de trabalho global. Além disso, ao ter conhecimento em língua francesa, os estudantes podem aproveitar ao máximo a experiência da MAFB, tanto no aspecto técnico da arqueologia quanto no desenvolvimento de competências interculturais, permitindo uma integração mais profunda com seus colegas e professores francófonos.

Os resultados encontrados durante essa observação dialogam com os achados de Mourão (2018) em relação às necessidades linguísticas dos estudantes de Arqueologia da UFPI. Através de entrevistas realizadas junto a eles e a alguns dirigentes do curso, a pesquisadora identificou o reconhecimento da importância do francês para o desenvolvimento de atividades ligadas a certas áreas e a oportunidade de trabalhos em sítios arqueológicos liderados por francófonos, bem como na própria MAFB. No entanto, as entrevistas relatadas nessa pesquisa apontaram que a preparação linguística nesse idioma não é muito priorizada e tende a ser adiada: “atualmente eu só estou estudando essa parte linguística mais do inglês e espanhol, do francês justamente, porque eu nunca tive, eu vim de escola pública, eles não ofertam isso, então eu não sei como é que começa” - depoimento de um estudante de arqueologia da UFPI apresentado em Mourão (2018).

Por outro lado, as entrevistas dessa pesquisa também indicam que a universidade é vista pelos estudantes como a instituição onde poderão estudar essas línguas quando necessário. Através de cursos de extensão e de programas, como o IsF, presentes na UFPI, os estudantes podem obter aulas de francês a um custo financeiro baixo, por vezes gratuitas (Mourão, 2018). Durante a observação realizada em 2019, notou-se que os estudantes da UFPI não haviam feito preparação linguística em francês para participar da expedição.

Souza (2024) relata a pesquisa e a elaboração de cursos de francês destinados a esse público via Programa Idiomas sem Fronteiras UFPI. Tais cursos foram ministrados na universidade entre 2019 e 2020, depois disso não houve mais ofertas voltadas para esse público. Mourão (2018) apontou para a instabilidade no contexto institucional da UFPI no que diz respeito a ações de ensino de línguas adicionais, o que pode explicar essa descontinuidade dos cursos de francês para a Arqueologia.

Diante desse cenário, a reflexão sobre políticas linguísticas institucionais que permitam a preparação dos envolvidos em situações de internacionalização como a que acontece na área de Arqueologia na UFPI, mostram-se essenciais. A situação enfrentada pelos estudantes de Arqueologia da UFPI durante a MAFB ilustra claramente a importância de um planejamento linguístico adequado para viabilizar as interações internacionais. Embora a missão ofereça uma oportunidade valiosa de intercâmbio com arqueólogos francófonos e outros pesquisadores estrangeiros, a falta de preparação linguística em francês tem sido um obstáculo significativo.

Considerações finais

Com base nas discussões apresentadas, é possível concluir que a internacionalização nas IES brasileiras é um processo complexo e multifacetado. Ele não se limita apenas à mobilidade acadêmica, mas envolve a inclusão de ações que promovam a interculturalidade e o ensino de línguas adicionais, como evidenciado pelo caso dos estudantes de Arqueologia da UFPI e sua participação na MAFB. A experiência desses alunos destaca a necessidade de políticas linguísticas institucionais que garantam o ensino de línguas estrangeiras, como o francês, e ainda ofereçam uma preparação linguística adequada e contextualizada, capaz de facilitar a comunicação e a interação intercultural.

Nesse sentido, as políticas linguísticas devem ser planejadas de forma estratégica, considerando as demandas específicas de cada contexto acadêmico, como a formação em FOU para os estudantes de Arqueologia. Além disso, a “Internacionalização em casa”, ou seja, a inclusão de práticas interculturais no próprio ambiente universitário, é uma estratégia fundamental para ampliar o alcance da internacionalização e democratizar o acesso à formação globalizada.

Por fim, a continuidade e o fortalecimento de programas de capacitação linguística, como o IsF, são essenciais para garantir que todos os membros da comunidade acadêmica possam participar de forma efetiva no cenário acadêmico internacional, superando barreiras linguísticas e culturais. O caso da UFPI, ao proporcionar uma reflexão sobre suas práticas e desafios, contribui para o debate sobre a urgência de se instituir políticas linguísticas mais robustas e consistentes no processo de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

MOURÃO, Maria Iara Zilda Návea da Silva

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. *Quelle école pour quelle intégration?* Paris: Hachette, 1992.

ABREU-E-LIMA, D.; MORAES FILHO, W. B. Idiomas sem Fronteiras: multilinguismo, política linguística e internacionalização. In: ABREU-E-LIMA, D. et al (org.). *Idiomas sem Fronteiras: multilinguismo, política linguística e internacionalização*. Belo Horizonte: UFMG, 2021. p. 15-54.

ALBUQUERQUE-COSTA, H. B. Des cours de français sur objectifs spécifiques en milieu universitaire: du français instrumental au Français sur Objectif Spécifique à l'Université de São Paulo. *Synergies*

Argentine, Buenos Aires, v. 3, p. 11-23, 2015, Disponível em: https://gerflint.fr/Base/Argentine3/albuquerque_costa.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

ALBUQUERQUE-COSTA, H. B. Enseignement, formation et problématiques de recherche en FOU au Brésil: à quoi sommes-nous confrontés? In: ALBUQUERQUE-COSTA, H. B.; ARMANI-GALLI, J.; SOARES; V. (org.). *Français sur objectif spécifique et universitaire au Brésil* : réflexion méthodologique, programmes, formation et recherche. São Paulo: PÁ de Palavra, 2022, p. 107-127.

ALBUQUERQUE-COSTA, H. B. La classe inversée dans les filières de sciences de l'ingénieur à l'Université de São Paulo (Brésil): méthodologie active pour travailler le volet disciplinaire en FOU. *Points communs - recherche en didactique de langues sur Objectif(s) Spécifique(s)*, Paris, v. 47, p. 109-131, mai 2019. Disponível em: https://www.lefrancaisdesaffaires.fr/wp-content/uploads/2021/01/Points-Communs_Mai_2019_n5.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

ALBUQUERQUE-COSTA, H. B.; CARAMORI, A. P. Formação de Professores para a internacionalização: problematizando as experiências realizadas na rede Andifes Isf-francês e italiano. In: SANTOS, E. M.; GOMES, R. B.; RODRIGUES, B. G. (org.). *Políticas Linguísticas, ensino de línguas e o processo de internacionalização do ensino superior no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2022. p. 63-80.

ALBUQUERQUE-COSTA, H. B.; ZANINI, M. P.; PARISE, N. M. Un moteur d'intégration du français à l'échelle nationale: le programme brésilien idiomès sans frontières (isf). *Francophonies D'Amérique*, [S. l.], n. 55, p. 79-101. DOI 10.7202/1099265ar. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/fa/2023-n55-fa07988/1099265ar/abstract/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BARANZELI, C. Modelo de internacionalização em casa-Isf. In: MOROSINI, M. *Guia da internacionalização universitária*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2019. E-book. p. 187, 2019.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S. A *Internacionalização em Casa e o Uso de Inglês como Meio de Instrução*. In: BECK, M. S. *Echoes: Further Reflections on Language and Literature*. Florianópolis: UFSC, 2016, p. 65-82.

BEELEN, J.; JONES, E. Redefining Internationalization at Home. *The European Higher Education Area*, [S. l.], p. 59-72, 2015. Springer International Publishing. DOI 10.1007/978-3-319-20877-0_5. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-20877-0_5. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Rede Andifes Isf. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Rede Andifes Nacional de especialistas em língua estrangeira. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/institucional/redeisf/>. Acesso em: 01 ago. 2024.

BRITISH COUNCIL. *Universidades para o Mundo: Desafios e Oportunidades para a Internacionalização*. São Paulo: British Council, 2018.

DE CARLO, M. *L'interculturel*. Paris: Cle Internacional, 1998.

CHARDENET, P. Valoriser le capital linguistique des universités : pour une approche didactique stratégique. In: ALBUQUERQUE-COSTA, H. B.; PARPETTE, C. (org.). *Français sur objectif*

universitaire : méthodologie, formation des enseignants et conception de programmes. São Paulo: Editora Humanitas: Paulistana: AUF, 2016, p. 264-292 (Série Enjeu, vol.4)

CUQ, J. (org.). Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde. Paris: Cle International, 2003.

DIDIO, A. R.; WELP, A. K. Internacionalização e línguas adicionais: uma descrição das políticas linguísticas da UFRGS. *Organon*. Porto Alegre, v. 34, n. 66, 2019. DOI: 10.22456/2238-8915.91048. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/91048>. Acesso em: 24 fev. 2024.

GOMES, R. B.; SANTOS, E. M. Da política ao planejamento linguístico: por uma construção coletiva em prol da internacionalização. In: CHAGAS, L. A.; COELHO, J. P. P. (org.). *Estudos linguísticos e internacionalização na educação superior: transdisciplinaridades, inovações e práxis*. Cassilândia: Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: CLEUEMS|UUC, 2023. E-book. p. 17-31.

HUDZIK, J. *Comprehensive internationalization: institutional pathways to success*. Nova York: Routledge, 2015.

KNIGHT, J. *Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

KNIGHT, J. Internationalization Remodeled: definition, approaches, and rationales. *Journal Of Studies International Education*, [S. I.], v. 8, n. 1, p. 5-31, mar. 2004. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1028315303260832>. Disponível em: <http://www.theglobalclass.org/uploads/2/1/5/0/21504478/rationale.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2024.

LEAL, F. G. Os caminhos recentes da internacionalização da educação superior brasileira. *Revista de Educación Superior en América Latina*, [S. I.], n. 6, p. 31-35, jul.-dic. 2019. Disponível em: <https://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/esal/article/view/12187/214421443916> Acesso em: 04 jul. 2020.

MANGIANTE, J.; PARPETTE, C. *Le français sur objectif spécifique*. Vanves: Hachette, 2004.

MANGIANTE, J.; PARPETTE, C. *Le français sur objectif universitaire*. Paris: Hachette, 2011.

MOURÃO, M. I. Z. N. S. *Analyse Du Contexte De Développement De Cours Fos-Fou à l'UFPI : les points de départ pour un cours de français pour l'archéologie*. 2018. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português-Francês e Suas Respectivas Literaturas, Coordenação de Letras Estrangeiras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

MOURLHON-DALLIES, F. *Enseigner une langue à des fins professionnelles*. Didier, 2008.

NEZ, E.; MOROSINI, M. Internacionalização em casa na região centro-oeste brasileira: a atuação dos grupos e redes de pesquisa. *Revista Educação e Políticas em Debate*, [S. I.], v. 12, n. 1, p. 403-420, 2022. DOI: [10.14393/REPOD-v12n1a2023-66078](https://doi.org/10.14393/REPOD-v12n1a2023-66078). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/66078>. Acesso em: 10 maio. 2024.

NICOLAIDES, C.; TILIO, R. *Políticas de ensino e aprendizagem de línguas adicionais no contexto brasileiro: o caminho trilhado pela ALAB*. In: NICOLAIDES, C. et al (org.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PEREIRA, T., SOUZA, M. Projetos glotopolíticos para a internacionalização acadêmica: o pule e o isf-francês na universidade federal fluminense. In: ALBUQUERQUE-COSTA, H. B.; ZANINI, M. P. (org.). *Programa Idiomas Sem Fronteiras Francês: reflexões e experiências de ensino e formação de professores no contexto de internacionalização das universidades brasileiras*. São Paulo: FFLCH, 2024. p. 271-286.

PEREIRA, V. A. A internacionalização em casa na pós-graduação na América Latina e Caribe na modalidade a distância. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2476-2493, 2022. DOI 10.21723/riaee.v17i4.16549. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16549>. Acesso em: 05 maio. 2024.

PIAUÍ. GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. *Missão arqueológica franco-brasileira comece nova fase na Serra das Confusões*. 2023. Disponível em: <https://antigo.pi.gov.br/noticias/missao-arqueologica-franco-brasileira-comeca-nova-fase-na-serra-das-confusoes/#:~:text=O%20Piau%C3%AD%20vai%20receber%20mais,31%20de%20julho%20de%202023>. Acesso em: 20 maio 2024.

PROLO, I. et al. Internacionalização das Universidades Brasileiras-Contribuições do Programa Ciência sem Fronteiras. *Administração: Ensino e Pesquisa*, [S. I.], v. 20, n. 2, p. 319–361, 2019. DOI: 10.13058/raep.2019.v20n2.1330. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/1330>. Acesso em: 24 nov. 2024.

RAMOS, M. Y. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. *Educação e Pesquisa*, [S. I.], v. 44, p. e161579, 2018. DOI: 10.1590/s1517-9702201706161579. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143491>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SANTOS, E. M.; GREGOLIN, I. V. Planejamento Linguístico: um processo coletivo voltado para a materialização da política linguística da instituição. In: CHAGAS, L. A.; COELHO, J. P. P. (org.). *Estudos linguísticos e internacionalização na educação superior: transdisciplinaridades, inovações e práticas*. Cassilândia: Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: CLEUEMS|UUC, 2023. E-book. p. 32-46.

SANTOS, L. N. A.; SANTOS, E. M. *Políticas linguísticas, seus objetivos e internacionalização do ensino superior: um olhar para instituições nordestinas*. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, [S. I.], v. 18, n. 39, p. 387-404. DOI 10.47456/rctl.v18i39.43924. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/43924/30952>. Acesso em: 01 set. 2024.

SOUZA, T. B. O FOS e o FOU na Universidade Federal do Piauí e o projeto de elaboração de cursos específicos de francês para Arqueologia no IsF-F. In: ALBUQUERQUE-COSTA, H. B.; ZANINI, M. P. (org.). *Programa Idiomas Sem Fronteiras Francês: reflexões e experiências de ensino e formação de professores no contexto de internacionalização das universidades brasileiras*. São Paulo: FFLCH, 2024. p. 145-170.

SOUZA, V. V. S.; FREIRE JUNIOR, J. C. Internacionalização em casa como hub na educação superior: uma proposta de formação. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023037, 2022. DOI 10.20396/riesup.v9i00.8668387. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8668387>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SPOSLKY, B. *Language Policy*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. *Pesquisadores da UFPI realizam novas atividades arqueológicas em Serra das Confusões (PI)*. 2023. Disponível em: <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/51775-pesquisadores-da-ufpi-realizam-novas-atividades-arqueologicas-em-serra-das-confusoes-pi>. Acesso em: 20 maio 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. *Plano de Desenvolvimento Institucional*. Teresina: 2020. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Arquivos_CCS/PDI_2020_2024_UFPI_vf3.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. *Resolução nº 082/2018*, de 21 de maio de 2018. Dispõe sobre a Política Linguística Institucional da Universidade Federal do Piauí para Ensino, Pesquisa e Extensão. Teresina: 2018. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/CCN/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20082/RES_082_POLITICA_LINGUISTICA20180524163607.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.